



Doze anos de solidão: conhecer o outro acompanhado de si mesmo

Fernanda Verdasca Botton¹

Resenha de:

TRSIC, Milan. *Doze Anos de Solidão*. São Paulo, Todas as Musas, 2017.

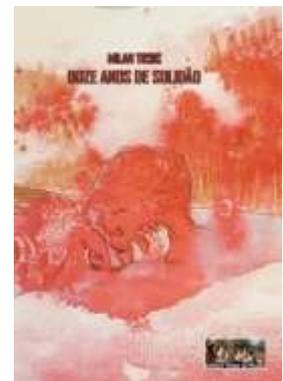
“O que chamam de *one night stand* me produz uma sensação de vazio. Gosto de conhecer o ser humano que está comigo.” (p.13). Pelas palavras do narrador Thomas posso iniciar esta resenha, pois elas descortinam o que leremos nas páginas deste romance erótico: o enredo de um solitário que sente, contudo, a necessidade de vínculos afetivos que lhe revelam o outro (e a si mesmo) como ser humano inserido no mundo.

Publicado em 2017 pela Editora Todas as Musas, o livro dá continuidade ao gênero romance erótico produzido por Milan Trsic. Doutor em Física Teórica Molecular pela Universidade de Paris e professor-titular aposentado da USP de São Carlos, Trsic é autor renomado de artigos acadêmicos e livros científicos e, em 2014, iniciou sua produção de romances pela Editora Multifoco com o título *Vive Maria*. Sendo seu quinto romance em quatro anos, Trsic já imprime em sua carreira como escritor um tom coloquial e prazeroso de escrita que revela a sexualidade feminina e masculina de maneira erótica.

Ressalto aqui o significado do erótico impresso como categoria de literatura romanesca. A palavra “erótico” vem do grego *erotikos* e tem significado relativo a Eros, portanto consagrado ao amor e por ele inspirado. Além disso, o erótico está sempre ligado a uma transgressão da ordem ou, como o afirmou Denos em *A liberdade do amor*, o erótico evoca, provoca, exprimi e satisfaz o “amor sexualidade”. Podemos ainda observar o erótico como “metáfora da sexualidade”, nos dizeres de Otávio Paz, já que as cenas descritas no texto erótico literário estão imbuídas de sensualidade e luxúria, contudo, porque permeadas por um lirismo metafórico, saem do obscuro para adentrar no voluptuoso.

Em Trsic, o erotismo nos traz a vida de um homem de meia idade cujo amor por meninas mais novas, mulheres mais velhas ou prostitutas apresenta o prazer da voluptuosidade em diferentes relações.

Os assuntos abordados pelo romance de Milan Trsic são polêmicos, não só porque circundam sempre o erótico, matéria que infelizmente ainda ecoa com



¹ Doutora em Letras pela USP. Professora da Fatec – Governo do Estado de São Paulo. Autora de *A Lira Assassina de Orfeu: Bernardo Santareno e os intertextos de O inferno* e organizadora de *O Teatro de Bernardo Santareno*, ambos publicados pela Editora Todas as Musas.

constrangimento neste nosso tempo e em nosso país, mas também porque a maneira de vê-los sempre traz algo incomum.

Um exemplo disso se dá quando o narrador do romance aborda os primeiros casos de AIDS. No enredo fala-se desde o medo inicial causado pelo total desconhecimento do que era a doença, elemento que trouxe um desejo de monogamia em nosso personagem principal, até o pensamento revessado daqueles que, movidos por campanhas “cheias de dedos”, sofreram com novos tabus. Diz-nos o narrador: “O uso da camisinha é enfatizado e exaltado como se, com isso, o problema do contágio estivesse resolvido. Claro que concordo com a conveniência do uso do preservativo. O problema maior é que dá uma falsa sensação de segurança [...] A distribuição de camisinhas no carnaval parece mais um convite à promiscuidade que à prevenção”.

Durante doze anos, contudo, essa promiscuidade comum a homens e mulheres de uma vida solitária moderna leva Thomas a ligações do conhecimento do outro, mas muitas dessas acabam com dizeres parecidos: “Estive pensando... Acho que não gosto mais de você” (p. 22) ou “Vamos ter que terminar, Thomas, eu não tenho tempo para você” (p. 94).

Por causa desses amores finitos, Thomas conhece muitas mulheres e, em cada um desses momentos, relações consideradas de transgressão são tratadas pelo autor. Em um dos capítulos, estando com três mulheres, na hora do café, a rainha Susana comanda as súditas em carícias e a ele dá a função de beijar seus pés, “Que posso comentar? Só vivendo.” (p. 62). Ainda vale observar que Thomas teve um câncer que lhe dificulta a ereção, mas ele se desinteressa por qualquer técnica cirúrgica já que as mulheres gostam da perspectiva da brochada, pois ela sempre pode trazer a novidade no ato sexual... e, “felizmente, as alternativas são muitas” (p. 70).

Para finalizar, podemos dizer que cada época tem um fundamento moral a ser descortinado como hipócrita. No século XIX, Machado de Assis nos revelava a prostituta Marcela que amava Brás Cubas por “quinze meses e onze contos de réis” e a esposa Virgília que é fiel ao amante narrador, mas prefere como marido o deputado Lobo Neves. Em nosso tempo, Milan Trsic descortina uma aspirante a garota de programa que tem medo por não saber as práticas do sexo e que usa um homem mais velho, um avozinho, nosso narrador, para treinar o que fará posteriormente; além disso, o autor nos revela o engano da sociedade que vê na atração da mulher mais nova pelo homem mais velho apenas o interesse monetário: “As pessoas gostam de falar quando você tem uma parceira bem mais jovem: ‘A única coisa que ela quer é seu dinheiro’. Vê-se que não sabem quão cobiçosas podem ser as mulheres mais velhas. Sim, ela queria casar; sim, queria a minha pensão; sim, queria um carro novo, sim queria... [...] Socorro, eu quero uma jovem gananciosa. Ou uma gananciosa jovem!” (pp. 80, 86).

Prazeroso de ler, o romance traz mais uma agradável surpresa, os desenhos de Carmina Trsic, filha do autor, que herdou do pai a veia artística de quem transforma em arte o erotismo de uma sociedade que já está em tempos de evoluir se revelando por meio do reconhecer-se.